

**Intervenção da Dr<sup>a</sup> Fátima Lobo na Sessão de Abertura do VI Congresso  
Transfronteiriço de Cultura Celta de Ponte da Barca  
15 e 16 de Junho de 2012**

A organização conjunta deste evento científico pelo Município de Ponte da Barca e pela Universidade Católica Portuguesa enuncia a convergência entre as populações locais e as academias; as primeiras guardiãs seculares do património, as segundas, como é sua obrigação, sujeitam as teorias ao processo de falsificabilidade; assim o defendeu Karl Popper (1987).

A investigação científica possui uma invulgar vocação: incapacidade para alterar as qualidades do real e a propensão para o debate entre diferentes asserções. Não pelo gosto estéril da apresentação de proposições para justificar outras proposições, mas porque só a conversação e o debate científico evitam a auto-ilusão que resulta de acreditar que conhecemos pelo facto de conhecermos alguns dados objectivos.

Por este princípio aqui estamos e vos agradecemos a presença. Por entendermos, também, que é legítimo continuar a estudar a cultura (celta) e fazemo-lo sem pretensão de correspondência e concordância entre a realidade e o discurso.

Seria mais fácil aceitar a asserção: *não falemos dos celtas, escasseiam os documentos e sem documentos não há história.*

Parece-nos, contudo, que aceitar este paradigma é aceitar a teoria, o método, e também o padrão dominante e os critérios que servem para o justificar contra os seus oponentes.

O que nos propomos, mais uma vez, é o cruzamento de áreas científicas: História, Filologia, Antropologia, Etnografia, Direito, Psicologia, Musicologia, Genética e Turismo.

Assim, ao critério reducionista objectamos o holístico, porque a cultura não é uma «coisa», mas o conhecimento que permite criar coisas e saber até que ponto as queremos produzir e utilizar.

A cultura é assim um sistema axiológico complexo, um sistema de valores imbricados na inclusão dos grupos sociais que a integram, nas diversas dimensões que a compõem e, também, na memória e memória revisitada.

Existem vários suportes de memória, como sabemos. É certo que a escrita foi inventada para preservar a memória das coisas; antes desta, era preservada pela *memória viva*. Os documentos estão aí, ao nosso lado, mas também estão dentro de nós: O solstício de Verão e de Inverno, 24 de Junho e as fogueiras que curam maleitas, o 1º de Maio e o 1º Novembro, as águas que curam, as fonte e os poços milagrosos.

Aqui, a memória viva permanece inscrita no nosso quotidiano simbólico e na linguagem que usamos para nos referirmos aos objectos; também são de outros tempos as nossas palavras, como nos diz Ramon Sainer, tais como: cabana, campo, carroça, castanheiro, lua, pico, sol, barril, charrua, entre outras.

È ainda Ramon Sainero que nos faz-nos recuar até ao século VIII-V aC, ao reino de Tartessos e à escrita ibérico-tartéssica e, partindo de duas estelas, estabelece relações de semelhança entre os símbolos da escrita da Península Ibérica e a Ilhas Britânicas/Galiza-Portugal-Ilhas Britânicas e, entre nós, um grupo de investigadores da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, demonstrou que a hemocromatose apresenta uma forte prevalência no Norte de Portugal e no Norte da Europa, tese que o Professor Ramon Sainero tem defendido nos nosso congressos, partindo de referenciais linguísticos.

Bem sabemos que Estrabão na Geografia da Ibéria considera os Béticos e os Tudetanos (Sul) os povos mais cultos dos Ibéricos, mas refere, também, que «os demais Ibéricos têm a sua escrita; porém, apresenta mais que uma forma, assim como há mais que uma língua» (1994, p. 40), textos revisitados pelo Professor António Melo.

O Senhor Professor Ferreira do Amaral, por sua vez, analisará a Crónica Geral de Espanha e as expedições marítimas dos povos celtas e Sármatas.

Inspirados por Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, Rocha Peixoto e Félix Alves Pereira e pela mão do Dr. Henrique Barreto Nunes, arrogamos ser nosso dever procurar, trazer à luz o nosso património e preservá-lo.

Neste sentido, contrariamos o provérbio *De gustibus est disputandum*/ gostos e cores não se discutem. Chamamos à reflexão todas as áreas científicas, indagaremos os montes e neles perscrutaremos as pedras e o culto que lhes devotamos, como nos relatará o Professor Fernando Alonso Romero, quer se apresentem sob a forma simbólica de um menir ou sob a forma de armadilha; esses genuínos «templos» esculpidos pelas mãos dos nossos antepassados e, o Professor Francisco Alvarez falar-nos-á dos Fojos. Bem sabemos que não são celtas, mas celta há-de ser (?) o sentido sagrado e o valor simbólico que continuamos a atribuir ao lobo.

Com o Professor José Domingues falaremos de Direito, formulas que a terem existido coincidiram temporalmente com a época arcaica do Direito Romano, datada pelos especialistas entre o século VIII e o século II aC – *lex Aebutia de formulis* – .

Época onde, por certo, jurídico, religioso e moral se misturavam; outra via de investigação, que pode fazer luz sobre o nosso objecto de estudo, e sobre a transição do Direito Nacionalista ou Quiritário de aplicação exclusiva nas relações *inter cives romanos* e o Direito Romano Universalista que passou a regular, por efeito da criação do pretor peregrino, as relações entre *cives romani* e *peregrini* e entre estes (Santos Justo, 2003).

Os Professores João Major e Luís Saraiva, na qualidade de psicólogos, abordarão a importância da cultura como factor de equilíbrio psicológico.

O Dr. Mário Correia responsável pela organização dos festivais intercélticos de Sendim traz-nos a visão de um etnomusicólogo e deste povo (povos) que para além de guerreiro era festivo, cantava e dançava em frente às portas das suas casas (Estrabão, 1994, p. 91) e, se os homens trajavam de preto, as mulheres envergavam «saias e vestidos com adornos florais» (1994, p. 71).

O Senhor Professor Brochado de Almeida e a Dr<sup>a</sup> Marta Marques, historiadores de formação, falar-nos-ão da proto-história na bacia do Lima e dos vestígios da ocupação em Ponte da Barca.

É por Ponte da Barca, pelo seu património e por esta gente que de corpo inteiro trouxe até nós as memórias da velhíssima Terras da Nóbrega, que aqui estamos.

Estamos também aqui pela:

- Chã da Rapada,
- pelo menir da Ermida,
- pela Pedra dos Namorados,
- pelo lugar da Mamoia em Grovelas,
- pelas gravuras rupestres na Bouça do Colado,
- Pelo Penedo das sete cabeças ou Penedo do Encanto
- pelos penedos de S. Martinho e Porto Bom,
- pela Fonte Santa de Bravães,
- pelos espigueiros de Lindosos,

- pela arquitectura rural,
- pelas Casas Solarengas, são tantas que seria difícil enumerá-las,
- pelo Castelo Roqueiro da Nóbrega no lugar de Ventoselo na Freguesia de Sampriz,
- pelo Castelo de Lindoso,
- pelos sarcófagos medievais de S. Pedro, Lindoso, Bravães,
- pela Senhora da Pegadinha,
- pelo Rio Lima,
- Pelo Castro Annofrice em Sampriz
- pelos Mosteiros Medievais de S. Martinho de Crasto, Vila Nova de Muía e Bravães,
- Pelas antas e mamóias do período megalítico em Britelo
- Pela estatua de um guerreiro galaico encontrado em Britelo, (Onde está?)
- pelas sepulturas da Idade do Bronze em Santa Ásias
- ponte Romana sobre o Rio Vade,
- pelo nosso folclore,
- pela capelinha de Santo António,
- pela Igreja da Misericórdia,
- pela fonte de S. João,
- pela Torre D. Elvira em Cuide de Vila Verde,
- pelas nossas barragens,
- pelas omnipresentes serras Amarela e Oural,
- Fernão de Magalhães
- Fojos de Lindoso e Ermida
- pelos nossos poetas Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz, ....

Estamos, também, para que a este património não aconteça o que o aconteceu à Fonte do Leite, essa velhíssima referência cujas tradições milenares se mantinham vivas na década de setenta do século passado e que o desconhecimento do seu valor simbólico levou à destruição.

Por todo este património, que amanhã visitaremos pequenos trechos, enquadrado numa paisagem de milhares de vistas que vão para além daquilo que os olhos vêem, defendemos que o município de Ponte da Barca é um Museu a céu aberto, cujas portas estão franqueadas de dia, de noite, em todos os dias da semana.

Este museu tem capacidade para competir com as catedrais do consumo que esgrimem entre si estratégias e campanhas de marketing cada vez mais agressivas.

**Mude-se o conceito de museu, cuja origem remonta ao século XVI e, que no nosso entender, na maior parte dos casos, reproduzem lógicas onde falta a subtil capacidade de contemplar, de fruir, de sonhar e de amar.**

**Dr. Melchior Moreira apadrinhe um novo conceito de museu e um novo conceito de consumo: a fruição de bens culturais.**

É certo que o conceito tradicional de museu se alimenta na ciência especializada, mas como diria Rubem Alves «cada cientista dedica-se, com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso (...). Quando se pergunta: para onde navega o seu barco? Eles respondem **Isso não é científico**. Os sonhos não são objecto de conhecimento científico. E assim ficam os homens comuns abandonados» (Alves, 2000, p.197).

Somos homens e mulheres comuns os que aqui estamos; nós os que aqui nascemos e vós que, com a vossa presença, nos ajudais a sonhar; estai certos que

continuaremos a pelejar pelo património material e imaterial do Município de Ponte da Barca.

Senhor Presidente Vassalo Abreu, Senhor Vereador da Cultura Manuel Joaquim Gonçalves Pereira, amigo Jaime Ferreri, já vai longe o 1º Congresso Transfronteiriço de Ponte da Barca, mas pela vossa afeição a este sonho quero pertencer ao vosso bando, e se disserem de vós, de nós, tal como Estrabão disse dos Iberos, que somos «aventureiros e bandoleiros»; que seja!

Por este museu vivo onde e a terra, a água e o sol se reflectem na Serra Amarela e no Monte do Oural que nos encham de serenidade, por esta gente a quem não basta o vale, por lhes roubar o vento e as vistas largas, aqui estamos e agradecemos a vossa presença.

Permitam-me que agradeça de modo especial à Universidade Católica Portuguesa e ao seu Presidente em Braga, Professor Doutor João Duque, que tudo fez para estar presente, apesar das múltiplas tarefas e responsabilidades e, particularmente no dia hoje, onde decorre um evento com grande significado para a academia. Muito obrigada Senhor Professor.

Agradecemos, ainda, ao José Pedro, à Ester, pela responsabilidade no secretariado, e à comunicação social - Diário do Minho, Correio do Minho, ao Notícias da Barca, à Lusa

A todos, obrigada!